

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO—*Afonso Vargas*

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 300 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros... 300 * Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 1200 * Numero avulso 300 *	N.º 66	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

VIDA NOVA

São estas agora as palavras de ordem no jornalismo e nas conversações.

Dir-se-ia que todos se convenceram a final de que isto assim não pôde nem deve continuar.

Isto—vem a ser o paiz e o seu modo de ser economico, politico, moral e financeiro.

Ora pois, muito bem, e oxalá que essa formula, que ao presente todos pronunciam constrictos, represente realmente o sincero desejo de se iniciar de vez uma existencia differente da que até aqui temos levado—governos e individuos, poisque ambos temos largas, larguissimas culpas.

Oxalá que tenha soado o minuto salvador para este anarchisado paiz, anarchisado pelos despotismos e desregramentos vindos de cima, e pelas impacienças e ignorancias filhas de baixo.

Quando alguns espiritos, ainda os mais obscuros, como quem estas linhas assigna, affirmavam que era preciso orientar n'um caminho absolutamente contrario as energias d'este povo, que as intrigas da politica tornavam dispersivas e inanes, os chamados espiritos praticos riam-se d'essas jeremiadas rhetoricas, que denotavam nos seus auctores lamentaveis enfermidades — talvez dos olhos, talvez do figado— e recommendavam-lhes que não incommodassem o povo que trabalhava com os seus threnos de mau gosto.

Algumas vezes os alludidos espiritos praticos permitiam-se mesmo o seu gracejo, e faziam rir a galeira, lá isso faziam, mas — que terríveis são os mas! — mas no entretanto a corrupção alastrava, a indisciplina crescia, o senso ethico decompunha-se, e os vinculos da solidariedade dissolviam-se ou afrouxavam.

A força de tudo se querer desidealisar, para bem do utilitarismo triumphante, viemos quasi todos a dar n'este lindo estado em que nos encontrámos...

Tanto rimos, que agora, com o estridor das gargalhadas, parece que acordámos a Dôr, que, segundo o poeta allemão, mora paredes meias com o Prazer...

Em todo o caso, para não imitarmos aquelle bom Boabdil que, vendo o seu reino perdido, só sabia cho-

rar, diligenciemos nós não merecer as mesmas palavras de mal disfarçado desdem com que a mãe do arabe lhe censurava a fraqueza, quando lhe dizia que era por não haver sabido defender-se como um homem que então lagrimejava como uma mulher...

Não, não choremos só; o que não quer dizer que continuemos rindo: ambos esses extremos são perigosos, e podem denunciar crises de hysticismo, mas não denotam nem bom senso nem até bom gosto.

Proclamemos a valer a vida nova, mas iniciemol-a tambem a valer nas instituições e nos costumes, nos homens e nas cousas.

Levemos a revolução a tudo; revolução scientifica, harmonica, funda, que corte cerce por onde ache contaminado ou podre, e tenhamos a patriotica e salvadora coragem de remediar os nossos defeitos, expurgando-os.

A *École* era o grito dos francezes na hora dolorosa do seu desastre militar; ao ensino deve ser tambem a senha de todos os que ainda julgam possivel a renovação mental e moral da raça portugueza.

A França mostrou ha dois annos ao mundo abortio que estava restaurada e forte, nós poderemos tambem, se ainda o tentarmos, resurgir d'este collapsio que tem durado tanto.

Fundemos o trabalho nacional, estanquemos a emigração, não, pondo-lhe diques, o que é inutil e irracional, mas resolvendo os problemas economicos que ella accusa, desviemos do caminho dos ministerios os que para lá se dirigem aos bandos, e voltemos a ter as qualidades que eram a linha typica do caracter portuguez; isto é, sejamos simples, sinceros, sobrios, não alardeemos forças que não temos e riquezas que não possuímos, mas não malbaratemos tambem os thesouros de que ainda dispomos, e as qualidades que nos tornam sympathicos.

Dir-se-ha que isto é uma declamação pegada, e que não fazemos senão repisar o que está dito: mas a Verdade nem por ser muitas e muitas vezes exposta deixa de ser o que é, sempre a mesma—de todos e para todos.

Perdeu-nos a politica com todo o seu complicado organismo de corruptelas, de intrigas e de baixezas; é mister que o trabalho nos redima e nos alente, e

que a sciencia, pollen de luz que fecunda as almas e as cousas, seja para o nosso meio social alguma cousa mais do que um mero ornato ou um mercenario auxiliar; é mister que ella penetre na propria medulla de todos nós, tornando-nos fortes pela moral, disciplinados pelo dever, unidos pela dedicação, e que, n'uma palavra, esse radioso e immaculado Ideal, que deve ser o Deus intimo de todas as consciencias, seja o astro luminoso e alto para o qual se voltem os olhos de quantos sabem que só são grandes e eternos os povos que acreditam nos seus altos destinos, que para elles marcham e só d'elles vivem...

AFONSO VARGAS.

A ESTATISTICA EM BOLANDAS

A estatística é uma sciencia ainda nova entre nós, e por isso não admira que, de ordinario, seja tão mal comprehendida e — ás vezes — feita com tão pouco cuidado e exactidão.

Dois factos vamos relatar, factos acontecidos nas regiões officiaes, que vem confirmar o que acabámos de dizer, e apparecem á luz publica como uma nota alegre n'esse escabroso esfusiar de algarismos que horripilam os mais destemidos nas sciencias mathematicas.

Em 1860 e tantos (desculpe-se-nos a falta de reminiscencia na data do anno) foi ter á mão do regedor de uma freguezia rural um dos mappaes enviados pela direcção geral de registo e estatistica do ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça, recommendando-se-lhe que o preenchesse com os respectivos dizeres e o devolvesse ao dito ministerio.

Esse mappa, referido ao movimento da população, trazia as columnas com os dizeres: *nascimentos, casamentos e obitos*, nas quaes se deveriam pôr os algarismos que dissessem respeito ás pessoas que haviam nascido, casado e fallecido n'aquella freguezia durante o anno de...

O regedor ao ver o papelucho, arregala os olhos, fixa os oculos, vira e revira o mappa em todo o sentido, e não entendendo patavina, manda chamar o escrivão.

Este pega no mappa e começa a ler:

Nascimentos.

Casamentos.

Obitos...

Obitos — exclama o regedor — que diacho será obitos!... Isso está errado. — De certo — regouga o escrivão; isto, provavelmente, quer dizer *observações*. — Então temos uma casa para os *nascimentos*, outra para os *casamentos*, e falta-lhe, portanto, a casa dos *morrimentos*.

— É verdade que falta — confirmou o escrivão.

— Bem: faça-se o mappa n'esse sentido.

E assim se fez!...

O outro facto é o seguinte, que declarámos authenticamente:

Quando em 1878 se procedeu ao recenseamento geral da população do reino, foram distribuidos por todos os domicilios os respectivos *boletins de familia* para serem devidamente preenchidos.

Ora, como n'esses boletins havia, alem do inquerito do estado civil e da idade de cada um dos recensea-

dos, outro inquerito referente a diversas condições especiaes dos recenseados (*cegos, surdos, mudos, idiotas, alienados, etc.*), acontece que os agentes do recenseamento em uma povoação das ilhas açorianas, não entendendo o que queria dizer a palavra *idiota* foram ao dicionario da lingua portugueza (provavelmente o de Faria, congesto de tolices e disparates) e viram:

— *Idiota: ignorante, inculto... etc.*

E pegaram todos que não sabiam ler nem escrever (que era a grande maioria da povoação) como *idiotas!*

De forma que os boletins appareceram todos cheios de *idiotas* e n'esse sentido se recensearam!

N'outra povoação os agentes não souberam o que significava a palavra *transeunte*, e querem saber o que fizeram?

Foram perguntar a *quem sabia*, que lhes respondeu *transeunte é o que passa, o que anda*.

E... recensearam todos os moradores como *transeuntes* á excepção... dos coxos.

Isto aconteceu em 1878; o que terá acontecido em 1890?!

SILVA PEREIRA.

O GREMIO ARTISTICO

N'este desolador fim de seculo, a que chegámos, em que a vida é feita de sobresaltos e incertezas, uma consolação existe, doce e unica: — a emoção suscitada pelo facto artistico.

Elevando a realidade mais humilde e mais obscura, a Arte communica-nos um vivo e affectuoso reconhecimento pelos que se consagram á fixação artistica do real, e, sob a influencia d'esta penetrante sympathia, faz-se á volta de nós uma atmosphera de bondade e de ternura, em que é preciso respirar de quando em quando por alguns momentos, para que o nosso destino se não materialise completamente, e se não estiolem as mais nobres e delicadas susceptibilidades do nosso espirito. Deante do quadro ou da estatua, sob o dominio da partitura ou do romance, em face, mesmo, do objecto d'arte industrial, — quando uma sensibilidade n'elle palpita, bem evidente, — esquecem as luctas cruéis do egoismo, os impulsos da ambição insofrida, o tedio que tantas vezes nos assalta pela vida fóra, e tudo se nos affigura, atravez do enternecimento que nos invadiu, simples e bom, meigo e suave.

Hoje, portanto, mais do que nunca, uma exposição d'arte representa um facto que todos devemos receber com a mais calorosa sympathia, com o mystico alvoroço que, nos tempos de fé, a publicação d'um jubileu despertava nos fieis. E as instituições que se destinam, como o *Gremio Artistico*, a promover o amor pela Arte, e a educação esthetica da sua sociedade, têm direito a ser contadas entre os mais poderosos e efficazes agentes de progresso, e merecem a mais rasgada protecção e a mais decidida estima.

Creio, pois, que me cumpre, como escriptor e como *homem do meu tempo*, consagrar um pouco do meu trabalho á exposição d'arte que deve ter sido encerrada ha dois dias, e ao *Gremio* que a levou tão brilhantemente a effeito.

Como, porém, uma só vez e muito rapidamente, pude ver a exposição, torna-se impossível occupar-me della. Direi só que, de todas quantas obras lá vi, as que mais frequentemente me têm vindo á memoria são as paizagens, tão simples, tão exactas, tão verdadeiras, de Silva Porto, e o grande retrato do escultor Teixeira Lopes, feito por Salgado.

Occupar-me-hei, portanto, unicamente do *Gremio*.

Foi instituido em 1890, quando o brilhante *Grupo ao «Leão»* tinha realisado, havia já muito, a sua ultima exposição, e pôdia considerar-se dissolvido.

Recordam-se, decerto, os leitores, d'esses rapazes entusiastas e crentes, que, todas as noites, depois das oito, se reuniam na cervejaria *Leão*, e alli discutiam Arte, n'uma boa e fecunda camaradagem, e que, um dia, tiveram a lembrança de realizar uma exposição dos seus quadros, sem nada pedirem ao Governo nem á Academia,—onde, no entanto, o naturalismo e a technica moderna tinham já penetrado, levados por Silva Porto, que fôra nomeado para substituir, interinamente, o celebre animalista Anunciação.

Alberto d'Oliveira fez o catalogo, illustrado,—uma novidade entre nós; a exposição foi muito concorrida, e venderam-se bastantes quadros. Isto foi em 1881. Depois, as exposições continuaram todos os invernos, até 1888—1889.

Mas, voltemos ao *Gremio*. O seu fim é promover especialmente a cultura das artes plasticas, e, em geral, o gosto pelas bellas-artistas e a litteratura portugueza. Para realizar este formoso intuito, promoverá a agremiação de todos os artistas portuguezes e das pessoas que se interessarem pelas bellas-artistas; effectuará uma exposição annual, tendo, ao mesmo tempo, na sua séde uma exposição permanente, com o duplo fim de constituir uma galeria de arte portugueza contemporanea, e facilitar a venda dos trabalhos dos socios; estabelecerá aulas de desenho, pintura a aguarella e a oleo, e esculptura; realisará conferencias e leituras publicas sobre assumptos artisticos e litterarios; emprehenderá a publicação de uma revista mensal de litteratura e arte; organizará, emfim, um gabinete de leitura.

A exposição permanente de trabalhos dos socios, na séde do *Gremio*, julgo-a da mais alta importancia. Onde podem hoje ver-se os trabalhos dos nossos pintores e escultores contemporaneos? Onde mostrar-se a um viajante que deseje informar-se da nossa pintura e da nossa esculptura? Não ha um museu d'arte moderna, e o chamado *Museu nacional* rarissimos trabalhos tem de artistas contemporaneos, e esses, á parte os de Soares dos Reis, não são decerto dos mais notaveis, nem dos mais concludentes para a critica.

Onde podemos ver alguns quadros portuguezes modernos, é no *Café Leão*, que os rapazes que alli se reuniam e alli combinavam as suas exposições, tiveram a gentilissima lembrança de converter n'um museu, decorando-o com algumas telas desinteressadamente feitas por elles, onde os seus bellos talentos se expandem livremente, sem preoccupações amesquinhantes de venda. Lá nos apparece Columbano,

o grande e original pintor de figura, que n'uma tela vastissima representou, com a mais flagrante realidade, os artistas que então constituiram o *Grupo*, abancados a uma comprida mesa e servidos por dois creados. Alberto d'Oliveira mostra uma *illustração* á Silva Porto, que é o Christo d'esta ceia bohemia, com a sua physionomia doce e melancholica.

José Malhõa, faz-nos sentir o frio da madrugada n'um brejo do Alfeite; Silva Porto assigna uma desolada paizagem de inverno; João Vaz subscrive uma tranquilla marinha do Tejo, defronte de Lisboa, que lá se eleva sobre o rio. E ainda contribuíram para este singular museu, Raphael Bordallo, com uma espirituosa caricatura, imitação felicissima de azulajo; Vieira, com umas flores deliciosamente cheias de verdade; Gyrão com um dos seus melhores (se não o melhor) quadros animalistas; Christino, emfim, com uma paizagem.

Mas, afóra esta interessantissima collecção,—incompleta, porque é apenas de quadros, e temos hoje pintores de valia que lá não estão representados,—o que ha por cá? Todos o sabem:—nada. E, pois, da mais alta importancia, como acima disse, a deliberação do *Gremio Artístico* de ter na sua séde uma exposição permanente de quadros e esculpturas.

O *Gremio* conta hoje um bom numero de socios, constituindo um verdadeiro *livro d'ouro* aquelle em que são inscriptos. N'elle figuram, ao lado dos nossos primeiros artistas e amadores, os litteratos que mais se têm consagrado á historia e á critica da Arte, e os collectionadores mais instruidos. Protegem o *Gremio* el-rei e a rainha, e cabe actualmente a presidencia da direcção á Silva Porto, um dos mais notaveis paizagistas e animalistas contemporaneos. São secretarios Manuel de Macedo, um artista e um erudito, e Emygdio de Brito Monteiro (*João Sincero*), o carola mais entusiasta e infatigavel, que eu conheço, em coisas d'Arte. José da Cunha Porto, um intelligente collectionador de moveis artisticos, é o thesoureiro. A assembléa geral preside Ramalho Ortigão, um dos nossos mais competentes criticos, porque, nas suas viagens, tem especialmente estudado os museus de pintura.

Existe não sei que mácula fundamental em quasi todas as nossas associações. Muitas acabam pouco depois de instituidas; outras vivem precariamente. É por isso que, ao ter-se noticia de que uma associação foi fundada, se diz, em regra:

—«Aquillo, qualquer dia, acaba.»—

Não faltou quem, ácerca do *Gremio*, fizesse tal prophécia. Espero que ella se não realise.

Possa a Arte, cujo culto elle se destina a espalhar, communicar-lhe alguma coisa da immortalidade que ella assegura aos grandes artistas e ás civilizações essencialmente artisticas!

1891, abril, 17.

JOSÉ PESSANHA.

HISTORIA DE UM MARÇANO

(Continuado)

Ora, succedeu que não se julgando de todo desatrado, o Thomé começou a namoriscar uma vizinha.

Era uma viuva nova e galante, mestra, segundo parecia, e com uma filhinha de tres ou quatro annos, muito loura, d'esse louro quasi branco que parece querer fundir-se no mesmo tom da pelle, e uns olhos escuros e grandes, como se n'elles a morte do pae houvesse posto toda uma noite de tristeza, e todo um final de amor...

O Thomé começou a encontrar na escada essa ideal pequenita, tão encantadora e tão meiga, e a beijal-a furtivamente; depois deu-lhe retalhos dos armazens para ella fazer os vestidos ás bonecas, e por fim começou a fazer-lhe aos poucos o retrato a lapis.

Quando o concluiu deu-l'ho, dizendo-lhe que perguntasse á mamã se conhecia quem era.

A mamã conheceu, e muito lisonjeada veiu agradecer-lhe:—que estava muito parecido; depois, naturalmente, elogiou-lhe a habilidade, confessou que tambem desenhava, e como via que talvez elle gostasse de ver quadros e crayons, se alguma vez quizasse subir até ao 2.º andar teria muito gosto em lhe mostrar trabalhos de seu pobre marido—que Deus tinha.

O Thomé, muito ruborizado e confuso, agradeceu com uns monosyllabos quasi inintelligiveis e confirmou que sim—teria muito gosto, e se lhe dava licença lá iria no proximo domingo.

A viuvinha deu ares de haver sympathisado com a sua confissão e com o seu ar, e rematou que lá o esperava.

Os dias que medearam até domingo afiguraram-se seculos a Thomé, e todas as noites sonhou com essa visita, com a viuva, com a pequenita e com o retrato. Quando elle chegou, enfim, sentiu-se triste e alegre ao mesmo tempo, as pernas tremiam-lhe, a cabeça latejava-lhe, e as palavras entarrelavam-se-lhe, como se a lingua se lhe houvesse tomado.

Ao soar uma hora, por um momento imaginou que lhe ia dar alguma cousa, mas depois uma onda de coragem, que elle sentiu vir-lhe, não sabia de onde, invadiu-o e impulsionou-o; e, sem saber explical-o, Thomé achou-se na sala da viuva, aguardando que ella apparecesse.

Quem primeiro se mostrou, porém, foi a pequenita, scabraçando uma boneca quasi maior do que ella. Naturalmente correu para Thomé—como para um conhecido. Tinha descolado um pé á Sarú, e perguntava-lhe na sua algaravia infantil se tinha certo e se faria doer muito.

O Thomé confirmou que tinha, e que não doia, e descobrindo sobre a mesa um frasco de colla, pacientemente começou a arranjar o pé.

Foi n'este trabalho que veiu enconral-o a viuva. Thomé ficou tão atrapalhado que largou a boneca em risco de a escangalhar mais, mas conforme pôde levantou-a e levantou-se balbuciando uma cortezia.

A viuva pôl-o, porém, logo á vontade, dizendo-lhe com um ar risonho:—Então a minha Sarah deu-lhe logo uma tarefa?

Essa Sarú é os meus peccados. Já não sei quantas vezes lh'a concertou. E naturalmente foi estabelecendo o dialogo e fazendo fallar o Thomé.

Este, instantes depois tinha já adquirido confiança e sangue frio, e continuando o concerto foi palestrando conforme pôde, embora não estivesse muito habituado a tagarellar com senhoras.

Não se saiu de todo mal, e teve mesmo uma tal ou qual graça na maneira como contou a sua vinda para Lisboa, e depois como alludiu á sua queda para o desenho, explicando a fórma por que a havia descoberto.

(Continúa.)

ASSUMPTOS VARIOS

A velha distincção —ao dizer do mui distincto professor da universidade de Coimbra, sr. Costa Simões— entre as faculdades, como depositarias privilegiadas de um ensino mais philosophico, mais levantado e mais transcendente, e as simples escolas, modestamente incumbidas de um ensino pratico de menor categoria; essa distincção de hierarchias tradicionaes caiu por uma vez para nunca mais se levantar. Actualmente só é mais considerada aquella instituição que mais e melhor produz, em descobertas experimentaes e observações proveitosas, a par dos bons methodos de ensino, que melhor se encaminhem a verdadeiras applicações na sociedade.

SANTA CRUZ DE COIMBRA

Monumento mais grandioso, e que recorde mais importantes factos do viver nacional do que o extincto mosteiro e templo de Santa Cruz de Coimbra difficilmente se encontrará entre os que, no nosso paiz, poderao resistir á acção demolidora do tempo, escaparam incolumes á furia de insensato vandalismo, ou se não derruam por indesculpavel abandono.

Coeva dos primordios da monarchia, essa maravilhosa fabrica, cujo estudo minucioso poderia proporcionar preciosissimos elementos para a historia da arte em Portugal, continha depois de concluida e ampliada em successivos reinados, á custa de sommas enormes, tres magnificos claustros, oitenta e quatro cellas, grande refeitório, sumptuosa igreja de tres naves, e as officinas, dependencias, extensos jardins e cêrca correspondentes á grandeza dos edificios e opulencia da ordem religiosa a que pertencia.

Do que resta em bom cu soffrivel estado de conservação do extincto mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, é acaso uma das partes mais interessantes o claustro denominado do *Silencio*. A nossa gravura, executada magistralmente pelo sr. João Pedrozo, o optimo gravador, cuja perda irreparavel será sempre sentida pelos que prezam a arte, que elle cultivava e exercia com verdadeira paixão, representa um dos elegantes arcos d'esse claustro, ao oriente, onde se vê a entrada da pequena capella de Nossa Senhora do Terço, tendo superiormente a capella chamada dos meninos de Palhavá, filhos naturaes de D. João V, onde outr'ora se admirava rica obra de talha.

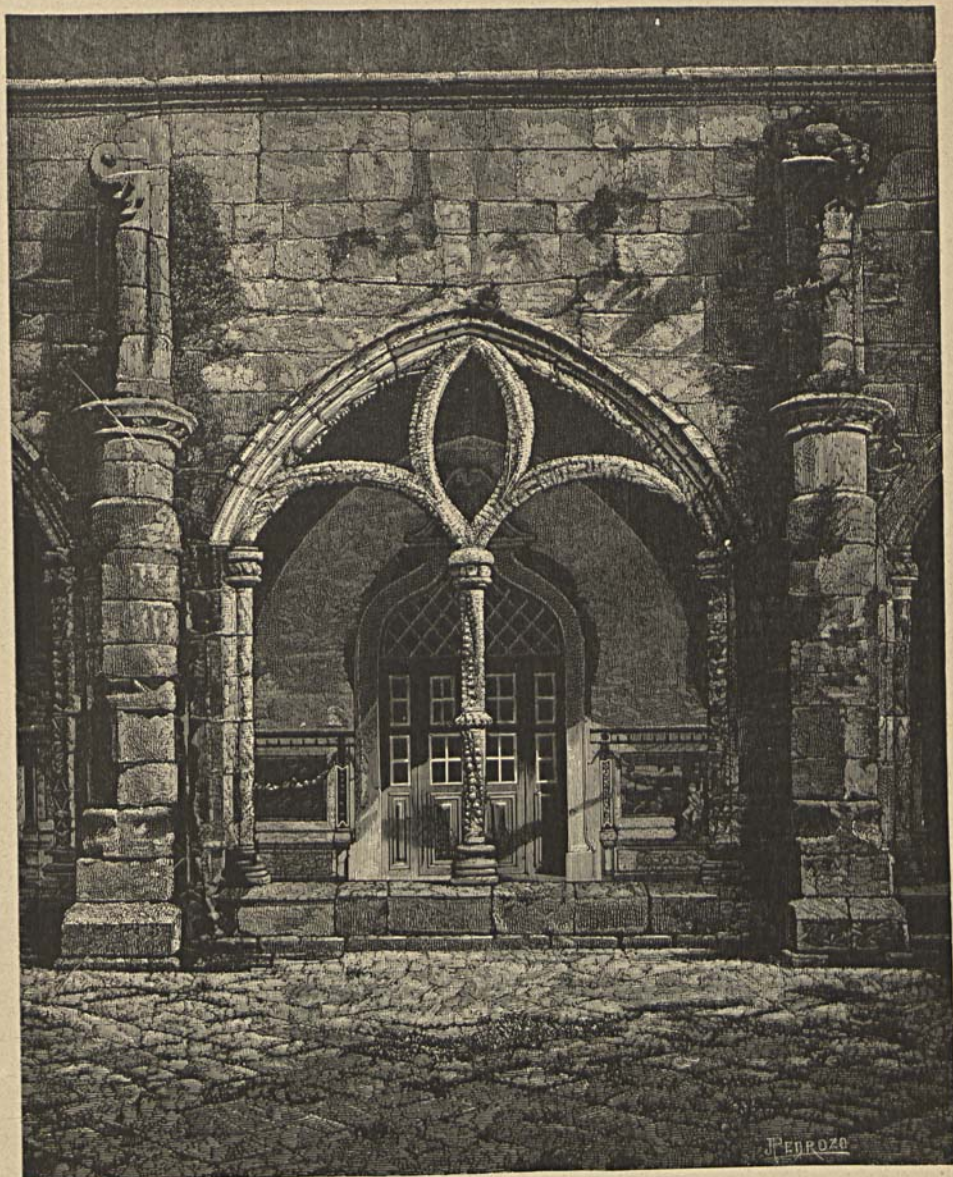
No magestoso templo determinou-se recentemente, que se fizessem importantes restaurações, as quaes começaram pela capella mór. Felizmente, como assevera o venerando redactor do *Coimbricense*, estão-se realisando com escrupuloso cuidado. Parte da abobada d'aquella capella, coberta, por ordem dos irades, de grossa camada de argamassa caiada, já está livre do vandalico refacimento, ostentando a primitiva formosura. «Apparece no centro do tecto da capella mór, diz o sr. Martins de Carvalho, uma grande cruz da ordem de Christo, tendo em volta o conhecido distico—*In hoc signo vinces*.

«Tanto ao fundo da capella mór (acrescenta), proximo ao arco cruceiro, como proximo ao grandioso altar mór, apparecem as espheras armillares, usadas por el-rei D. Manuel, e em volta de cada uma das espheras armillares se vêem as seguintes palavras em duplicado—*Emanuel rex Portugal...*»

O aspecto, que está já mostrando o tecto restaurado da capella mór, affirma o erudito jornalista ser magnifico.

Oxalá que, perseverando-se no louvavel proposito, a restauração prosiga com tanto acerto como até agora.

F. PEREIRA E SOUSA.



CLAUSTRO DO SILENCIO EM SANTA CRUZ DE COIMBRA

A IMPRESSÃO REGIA HOJE IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

(Fragmentos de um livro inédito)

1811-1833

(Continuado)

Joaquim Antonio Xavier Annes da Costa era, como já dissemos, official ordinario da secretaria d'estado dos negocios da fazenda, e exercia na junta economica, de que se tornára em verdade o mais prestante membro, o melindroso logar de thesoureiro.

Não asseveraremos que Annes da Costa concorresse directamente para a revogação do decreto de 7 de dezembro de 1801, representando ao governo sobre o mau estado da impressão regia, ou empregando qualquer outro meio menos decoroso; suspeitámos, contudo, que lhe não fôra absolutamente estranho, e que o não surprehendêra tão pouco o decreto que o investiu nas elevadas funções de administrador geral.

Seja, porém, como for, é justo confessar que a nomeação de Annes da Costa era mui acertada, não só pela não vulgar capacidade de que dera exuberantes provas, como pela experiencia que soubera adquirir, e perfeito conhecimento que parecia ter da situação e necessidades do estabelecimento que se lhe confiára.

Pelo decreto de 21 de maio de 1810, que dissolveu a junta economica, determinou-se que os vogaes d'ella conservassem a metade dos ordenados que percebiam, e que a impressão regia ficaria debaixo da inspecção do director geral do real erario, «que estabelecerá as reformas, ordenados e regulamentos que parecessem necessarios, sob proposta do administrador geral».

O aviso de 20 de agosto do mesmo anno ordenou que o administrador geral passasse logo a tomar conta da impressão regia, e a mandar fazer os inventarios respectivos¹, autorisando-o tambem a proceder a «todos os arranjos, mudanças e melhoramentos que julgasse convenientes ao bem do serviço, augmento da fazenda e prosperidade, tanto da typographia, gravura e fundição, como da real fabrica das cartas de jogar, pondo tudo na melhor arrecadação possível, debaixo da mais severa e prudente economia».

Permittiu-se igualmente, e como medida provisoria, que o administrador geral continuasse a pagar as ferias dos operarios e outras despesas mais urgentes, enquanto se não providenciasse ácerca do logar de thesoureiro, para o qual foi nomeado, por aviso de 27 de setembro de 1810, Luiz Torquato de Lemos e Figueiredo.

¹ Já em aviso de 30 de novembro de 1801, lançado a fol. 49 do livro 1 de registro de decretos, avisos e ordens regias, se incumbira do desembargador Domingos Monteiro de Albuquerque Amaral de dirigir um inventario geral, a que, segundo o referido aviso, deveria immediatamente proceder-se. Parece que este trabalho chegára a começar e adiantar-se; não nos consta, porém, que se concluisse, pelo menos não existe no archivo da imprensa nacional copia ou minuta sequer de tal inventario.

Em outro aviso de 26 de setembro determinou-se que ao desembargador Domingos Monteiro de Albuquerque Amaral continuasse a abonar-se o ordenado de 300,000 réis, como juiz conservador da real fabrica das cartas; que ao professor Custodio José de Oliveira se pagasse a pensão de 200,000 réis, alem do meio ordenado; e que ao administrador geral fosse satisfeito o mesmo vencimento que tivera Miguel Manescal da Costa e Simão Thaddeo Ferreira, isto é, 600,000 réis annuaes. Este vencimento foi elevado, por aviso regio de 4 de março de 1812, a 750,000 réis, e por decreto de 21 de maio do mesmo anno a 1,000,000 réis¹.

Em aviso regio de 5 de maio de 1811 «com o fundamento de que devia restabelecer-se em tudo a antiga forma da administração, resolveu-se que o administrador geral passasse a assistir no recinto do estabelecimento e na casa em que habitára o director geral Nicolau Pagliarini».

Ficou, pois, constituída a administração da forma mais simples, sendo toda a auctoridade concentrada no administrador geral, unicamente subordinado e responsavel pelos seus actos ao presidente do real erario, coadjuvado por um ajudante, typographo, que tinha a seu cargo tomar conta das obras, dar-lhes expediente, e com o outro ajudante, director da typographia, dirigir os trabalhos.

O serviço fiscal e de contabilidade ficou, como até então, a cargo da contadoria, que se compunha de um contador, o velho empregado Joaquim José Escopezy, um primeiro escripturario, um segundo escripturario, um praticante e um thesoureiro.

Por decretos de 27 de maio e 2 de junho de 1818, fallecido Escopezy², foi, porém, organizada definitivamente a contadoria do seguinte modo:

1 Contador fiscal, escriptão da receita e despeza, Francisco de Paula Ferreira, com.	800,000 ³
1 Official maior (José Maria Tavares)	600,000
1 Segundo escripturario (Augusto Zacharias Loforte) ⁴	350,000

¹ Por decreto de 10 de maio de 1825 foi concedida metade do dito ordenado a sua mulher D. Luiza Bernarda da Silva Annes, enquanto viva fosse, com sobrevivencia, por metade, para seu filho Joaquim Xavier Annes da Costa.

² A viuva de Joaquim José Escopezy, D. Genoveva Joaquina de Mendonça, e suas filhas, foi concedida a pensão de 400,000 réis, por decreto de 18 de agosto de 1818.

³ Citaremos por esta occasião alguns exemplos de pensões concedidas ás viuvias e filhas de outros empregados e até de operarios. A viuva de Domingos Soares Vivas, compositor (aviso de 2 de agosto de 1802), 100,000 réis; ás cinco filhas de Manuel José da Guerra, segundo administrador, 100,000 réis (resolução de consulta de 30 de outubro de 1810); á viuva de Antonio José da Guerra, 100,000 réis (decreto de 27 de agosto de 1818); á filha de Francisco Maria Sacomano, que fôra official da fabrica das cartas de jogar, 600,000 réis (portaria de 21 de janeiro de 1818).

⁴ O contador fiscal, alem dos emolumentos provenientes da concessão de licenças aos estanqueiros das cartas de jogar, vencia mais, por aviso de 10 de setembro de 1818, a pensão annual vitalicia de 240,000 réis, e por portaria de 8 de janeiro de 1783, continuada pela de 8 de junho de 1819, 360,000 réis para casas.

⁵ O segundo escripturario Heliodoro José da Gama, fôra, por decreto de 2 de junho de 1818, aposentado com o orde-

1 Terceiro escripturario (Bartholomeu da Nobrega Baldaque)	2500000
1 Thesoureiro (Luiz Torquato de Lemos e Figueiredo).....	3000000

Tomada posse do cargo, o primeiro cuidado de Annes da Costa foi proceder a um auto de exame das differentes officinas e armazens, do qual resultou reconhecer-se o seu mau estado; de feito, por insufficientia e impropriedade do edificio, os prelos e a composição achavam-se divididos em doze diferentes casas; algumas das prensas não podiam trabalhar regularmente por não haver aonde se accommodassem; a fundição de typos não tinha já a largueza necessaria; a casa dos torculos, a dos gravadores e punccionistas tambem se reconheciam acanhadas; a fabrica das cartas e suas dependencias não sobrava o espaço. O estado dos armazens e depositos não era igualmente lisonjeiro; abarrotados de impressos e obras, muitas d'ellas truncadas, tornava-se quasi impossivel dar-lhes uma boa e methodica arrumação.

Empenhando-se em cumprir diligentemente as ordens regias com respeito á formação do inventario geral, encarregou Annes da Costa de o organizar e dirigir, o primeiro escripturario Francisco de Paula Ferreira, coadjuvado, na parte respectiva, por Joaquim Alberto de Passos, fiel da fabrica das cartas, Antonio José da Guerra, primeiro ajudante da administração, e Victorino José Luiz Moreira da Guerra, fiel do armazem e casa da venda.

Este trabalho, que é referido ao dia 3 de setembro de 1810, fez-se com muito notavel celeridade. Eis, em resumo, os valores por esse inventario verificados:

Livros, leis e mais impressos	63:796788
Movéis da impressão regia...	9:5027145
Papel em branco.....	2:3307820
Chapas gravadas.....	14:9167200
Dívidas activas pertencentes á impressão regia.....	7:1257504
Letras, movéis e materiaes da fabrica da fundição da letra	33:8897630
Cartas de jogar fabricadas, movéis e materiaes da fabrica respectiva.....	13:3517371
Dívidas activas pertencentes á dita fabrica.....	9:2387814
Dinheiro existente no cofre, pertencente ao pagamento dos predios de Alemquer...	7:7097161
Dito pertencente á impressão regia e suas dependencias	13:2137990
	175:0747423

nado de 3000000 réis, em attenção á sua avançada idade e molestias, e a ter mais de quarenta annos de bons serviços.

Nem só aos empregados da contadoria achámos d'este modo garantido o direito de aposentação. A simples operarios e outros empregados o vemos igualmente applicado; citaremos entre outros: José da Conceição, official da fabrica da fundição dos typos, com 17200 réis por semana, por aviso de 18 de março de 1797; João Sacomano, mestre da fabrica das cartas, com 600 réis diarios, por portaria de 14 de julho de 1826; e Joaquim Alberto de Passos, fiel da mesma fabrica, com 800 réis, tambem diarios, e por effeito da mesma portaria.

Se a conservação e conveniente aproveitamento de tão importantes valores, como os que accusava este curioso trabalho, deviam merecer a solicitude da administração, não importava menos estabelecer a boa ordem e disciplina das officinas que, por varias circumstancias, haviam caído em certa relaxação.

A esta impreverivel necessidade occorreu desde logo propondo varias providencias, que foram confirmadas e mandadas pôr em execução por avisos regios de 6 de dezembro de 1810 e 31 de dezembro de 1811.

F. PEREIRA e SOUSA.

(Continúa.)

MEDICINA DO ESPIRITO

I

A mudança que a idade opéra no nosso espirito estará em relação com a que, pelo decorrer do tempo, se desenvolve no nosso physico?

Ha toda a razão para assim o julgar. Um e outro têm a sua infancia, a sua virilidade, a sua velhice. A medida que a idade avança, produz-se uma revolução no espirito do homem. As idéas da infancia perdem-se com as da juventude; umas e outras seguem diverso caminho na idade viril, até que a velhice nos conduz, enfim, ao nosso primitivo estado¹.

Durante a primeira idade, os nossos corpos, fracos e delicados, manifestam apenas uma natureza absolutamente occupada da sua conservação e do seu desenvolvimento. A alma, tenuemente agitada de paixões, espera — seja-nos licito dizel-o — para se manifestar, que os instrumentos com a qual deve funcionar tenham attingido um certo grau de perfeição.

O raciocinio denuncia-se com intermittencias; não é discernimento, é imprudencia; e, se a memoria se manifesta algumas vezes, é unicamente para denunciar a sua volubildade e infidelidade. Bem depressa o spectaculo muda. A esta quietação segue-se a tempestade mais desabrida. As paixões fazem sentir-se com toda a sua vivacidade, e não conhecem diques ou barreira. Os desejos atormentam sem cessar a tranquillidade da alma. A razão, quasi sempre oppressa pela imaginação, é obrigada a ceder o seu imperio, até que os annos tenham diminuido o ardor do sangue, ou, para melhor dizer, até que o corpo não tenha mais desenvolvimento, e que a seiva que o nutre seja menos activa. Então o espirito torna-se mais tranquillo, e, advertido pela experiencia, dobra-se sobre si mesmo, ampliado pela reflexão, não teme afastar-se do verdadeiro caminho, evita os escolhos, e, através de mil perigos, dá fundo no porto que elle ha tanto tempo almejava!

Este estado da alma, durante a juventude e a consistencia, terá alguma analogia com o estado do corpo no decorrer d'estas duas phases da vida? A similitude é perfeitamente exacta. O sangue pullula nas veias, e cousa alguma o impede na sua marcha. Os

¹ Vejam-se as bellas descripções que nos dá Lucrecio, liv. III, *De rerum natura*.

² Diz-nos Boileau na sua *Arte Poetica*, canto III, v, *in fine*.

*Le temps, que change tout, change aussi nos humeurs:
Chaque âge a ses plaistrs, son esprit et ses mœurs.*

solidos gosam do maximo recurso que podem atingir. Chegou o homem á idade viril? Está ao abrigo das tempestades. O corpo, quando chega a este estado de perfeição, a que mira a natureza, não denuncia mais essas intemperies tão notaveis de calor e de frio, essas vicissitudes de violencia, de apathia e de sensibilidade externa, de movimentos demasiado lentos e demasiado vivos. Tudo é calculado, tudo caminha para o seu equilibrio. A saude raramente é insultada pelas doenças; resiste a todos os contratempos.

Que diremos com relação á velhice? É a ultima phase do espirito e do corpo, que não tardarão a eclipsar-se. Um sem numero de molestias chronicas assaltam o ultimo termo da vida. A asthma, o catarro, o rheumatismo, a gôta, o fluxo do ventre, assaltam os velhos; todas as funções se executam com lentidão; cada órgão, por sua vez, recusa os seus meios de acção; os sentidos enfraquecem, a memoria torna-se infiel; a vontade é caprichosa; a timidez e a avareza são as paixões dominantes; o tedio pelos prazeres annuncia que os órgãos, por sua fraqueza, já são pouco sensíveis ao deleite. Se no meio d'esta desordem do organismo, se entrevê ainda um só criterio, deve isso attribuir-se á natureza, caprichosa, que quer perecer, como heroína, sentada sobre as suas proprias ruínas!

Trad. de P. J. COELHO.

(Continúa.)

CHRONICAS VULGARES

NOTAS PARDAS

Depois de mezes e mezes de uma ausencia que foi uma desercção, eis-me de novo na fileira, senhoras minhas e meus camaradas...

Sentido, pois, e em guarda...

O facto capital que hoje tomara á chronica va ser a exposição promovida pelo Gremio Artístico, e encerrada em 15 de abril.

É sem preambulos, que o espaço não sobeja e a paciência falta-lhes — pois não é verdade? — começarei por saudar este primeiro certamen da nova *ghilda*, que é o desdobramento do antigo Grupo do Leão — que Deus haja.

Como exposição, esta de que vou fallar-lhes não é seguramente nem mais brilhante, nem mais prometteadora que as da extincta confraria de que aqui tive ensejo de occupar-me, mas é talvez mais igual e mais ordenada.

Assim, os artistas feitos não produziram, tirante uma ou outra *mancha* de valor, coisa realmente impressiva e funda, e perante as exigencias de uma critica alta se ella tivesse direito de existir n'esta pequenina coisa que se chama — a terra lusa, não figurariam certamente com grandes epithetos encomiasticos; mas emfim aqui e ali surgem trechos rumorantes e quentes, de viva e immarcescível arte, e nota-se sobretudo a impressão de boas escolas, a recordação do exame e da admiração de grandes mestres, e um tal ou qual desejo de caracterisação local e de esthesia autochthona, que marcam data e poderão servir de determinante para o estudo das faculdades psychicas e creadoras da nossa raça.

E, estabelecendo these, poderemos perguntar desde logo: temos nós ou não temos tendencias artisticas, e poderemos ou não individualisar-nos na arte geral com um caracter proprio e com um *motivo* original?

Em presenca dos quadros que vemos na exposição do Gremio Artístico creio bem poder responder, que fecundadas e dirigidas as qualidades que em varias telas ahí se denotam, somos susceptíveis de vir a produzir não só bom, o que por vezes já succede agora, mas *característico* — que é o essencial.

A tí, paizagista amovavel e encantador, o que eu peço perante a Arte portugueza não é só aquillo que tu me dás perante a pura Arte; em tí, pintor de genero ou de historia, o que quero admirar não são os costumes cosmopolitas d'este ou d'aquelle povo, os acontecimentos notaveis d'esta ou d'aquelle nação,

mas os usos da nossa terra e os trechos da nossa historia: — No entanto — e não convem esquecer isto — é essencial que todo o modelador dos sons, das cores e das formas se embeba e penetre largamente da vasta tradição das diferentes escolas artisticas, que elle sinta palpitar a vida de todos esses diferentes organismos, que n'uma palavra comece por ser *generico* para depois conseguir ser *individual*.

Eis o que como publico eu espero dos artistas feitos e por fazer que constituem agora a *sympathica* associação que se intitula *Gremio Artístico*.

Aos vaidosos ou aos ignorantes que regoçam que a Arte não tem paiz, respondamos que tem — mas não o é d'elles, descansem...

Obedecendo a este ponto de vista a exposição não me satisfiz, é claro, nem em absoluto, nem quasi no mero ponto de vista relativo, mas dá-me esperanças e deixa-me entrever aqui e ali uma ou outra poderosa organização de artista que eu respeitavelmente saúdo — de chapéu na mão.

Tenho, por exemplo, uma viva fé n'esse modesto e obscuro poeta do *Domingo de Paschoa na aldeia*, que pela maneira como modelou algumas das figuras do seu quadro, como as dizpoz e como evocou o seu assumpto tão amoroso e tão impressivo, ha de vir a ser um pintor, e *portuguez*, e surprehender a nota alada e divina da paizagem, da vida e do sentimento da nossa terra, que n'elle encontrei.

Igual sentimento me desperta *O infante D. Henrique*, que se não é uma obra prima é já uma bella e boa obra, e onde ha minucias, traços, notas, que só um sincero e verdadeiro artista sabe fixar; bem como duas ou tres telas de Marques de Oliveira que pela forma *velada* e terna como estão tocadas, pela natureza eternecida e serena do seu assumpto, pela corda psychica que procuram fazer vibrar em nós são, alem do consoladores trechos de arte, documentos evidentes da maneira como o auctor sente e do que elle sente.

A *caça dos taralhões* de Pinto, a *Praia das maçãs* e a *Varina* de Salgado, alguns dos quadros de Vaz, e finalmente as telas de Silva Porto que tem os n.ºs 143, 147, 148, 150, 153, e 154, demonstram-me como é facil achar inspiração e assumpto no *meio* portuguez, e como se pôde até produzir mais de um pedaço de verdadeira arte, immatéria e pura, vivendo para todo o sempre na superior região incontaminada de tudo o que foi tocado de um divino sopra, e que em si encerra uma só que seja d'essas luminosas e impercíveis particulas do Eterno Bello e da Suprema Verdade...

Esse quadro de Silva Porto *Na ceifa*, aquelle outro *O Olival da Fonte Velha*, onde as arvores nos dão a illusão de que as sentimos rumorejar e viver, essa bella e doce e transparente atmosfera do *Logar da Pontinha*, e finalmente *O Poço Velho*, testemunham-nos que tambem um pintor com meia duzia de tintas e um pincel pôde fazer ao mesmo tempo, alem de uma soberba obra perante a arte em geral, um inequalavel quadro do seu paiz em: que se respire, em que palpite, e em que resumbra o *ar natal* da terra sempre ingrata, mas sempre amada onde vimos a primeira luz, onde sentimos o primeiro amor, e onde chorámos tambem as primeiras lagrimas...

Terei de novo ensejo de ferir este ponto, mas já que este nome de Silva Porto me acode aos bicos da penna preciso, antes de continuar na minha digressão pelas telas expostas, fallar-lhes d'esta organização estranha de artista, que mais de uma vez me tem desconcertado, e que ora se me affigura um alto poeta abrigando mesmo um doce pensador, ora me parece um simples *homem de pincel* sabendo magistralmente a technica da sua arte, e senhor absoluto da factura e da cor, mas não nos dando senão isso, e nada mais; emfim, uma creatura especial e mysteriosa, que capaz de fazer telas com a larga envergadura de um mestre que — e se entremem a dar-nos essa envergadura aos pedaços — como quem tem assustar-nos, e em segredo tendo talvez um prazer especial em nos intrigar a todos, deixando-nos sempre indecisos sobre se o devemos considerar um grande e original artista, podendo, se quizer, formar ao lado de Millet e de Troyon, ou se não é só o nosso bom e sabedor Silva Porto, pessoa retrahida e abstracta, dando do seu pincel *quantum satis*, como das suas palavras as indispensaveis.

Passai, porém, os limites da chronica de hoje, e já agora que o auctor da *Salmeyra* me desculpe se reservo para a outra vez o resto do que ainda tenho a dizer-lhe — que não é pouco.

Ri-Mal.